

Seminário

“O Futuro da Comunicação Popular e do Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá”

No dia 25 de janeiro de 2025, realizamos o segundo seminário, “O Futuro da Comunicação Popular e do Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá”, na Igreja São José Operário, na comunidade Vila Autódromo, que contou com a presença de diversas lideranças dos movimentos sociais. Um encontro de integração, troca de informações e debates sobre os desafios dos movimentos sociais na luta contra a desinformação. Páginas 3 a 9



Um coletivo que faz à luta por melhores condições na Baixada de Jacarepaguá e na cidade do Rio de Janeiro - sem medo de ser feliz



Palestrantes Felipe Lucena, Maria de Lourdes, Cláudia Santiago e Silvia da Costa



Val e os palestrantes Maraci, Licínio, Dona Penha, Francisco, Yuri e a Danyella

Prefeitura vai leiloar terrenos em áreas verdes

A Prefeitura do Rio fará a desafetação e o licenciamento de 54 lotes públicos, que poderão ser leiloados para construção de edifícios residenciais e comerciais. Entre esses terrenos estão áreas verdes e até de vegetação nativa. A maior parte dos lotes fica nos bairros de Jacarepaguá, Vargem Grande e Vargem Pequena, Barra da Tijuca e Recreio dos Bandeirantes. Página 10

Cultura em Jacarepaguá

Mestre Davi é do Grupo de Folia de Reis os 12 Apóstolos de Cristo da Cidade de Deus

Corredor Cultural de Jacarepaguá: nos trilhos da história

Página 15 a 17

História da Região

Do Sertão Carioca ao Centro Metropolitano: disputas por terras na Baixada de Jacarepaguá

Barra da Tijuca e sua história

Página 18 a 24

▶ EDITORIAL

Trump autoritário pode produzir o caos econômico e mais conflitos sociais no mundo

As consequências do autoritarismo de Donald Trump para a América Latina e o mundo seriam profundas, considerando o impacto político, econômico e social que suas políticas poderiam gerar em uma situação de liderança autoritária. Abaixo, analisamos alguns pontos que poderiam surgir caso ele retomasse uma postura mais autoritária nesse segundo mandato ou caso sua liderança se consolidasse com características autoritárias:

Relações Diplomáticas Tensamente Afetadas

Trump sempre teve uma postura de confronto com governos de esquerda na América Latina. No caso de um governo autoritário, ele provavelmente intensificaria políticas de pressão sobre países como Venezuela, Cuba e Nicarágua, buscando desestabilizar ou isolar ainda mais regimes que considera autocráticos. Isso poderia gerar tensões diplomáticas, sanções econômicas severas e até intervenções indiretas. Além disso, uma América Latina mais fragmentada poderia surgir, com diferentes blocos alinhados ou contra os interesses dos EUA, o que poderia afetar a coesão regional.

Impactos Econômicos

Trump, durante seu primeiro mandato, adotou uma política protecionista, incluindo tarifas sobre produtos estrangeiros, especialmente da China, o que já afetou o comércio global. Em um cenário autoritário, a tendência seria aumentar essa abordagem de "América Primeiro", com foco em políticas que protejam a economia dos EUA, mas que prejudicassem economias dependentes do comércio com os EUA, como o México, Brasil e outros países latino-americanos. Isso poderia resultar em uma desaceleração econômica ou até recessão em algumas economias da região.

EXPEDIENTE



JAAJ é uma publicação da Rede Popular de Comunicação (RPC) e da IPL Clipping - CNPJ 31.555.759/0001-64.

Críticas, sugestões e reclamações:
jornalabaixoassinado@yahoo.com.br
Tel (21) 97143-4821

Distribuição gratuita pelos bairros e comunidades da Baixada de Jacarepaguá

**As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.
**Todo material enviado ao E-mail, Site e Facebook do jornal é autorizado automaticamente para a divulgação e também não é gratificado.

Conselho Editorial: Aguinaldo Martins, Almir Paulo, Anna Karolina, Carla Scott, Cláudio Mattos, Cíntia Travassos, Douglas Aguiar, Ione Santana, Ivan Lima, Jane Nascimento, Luiz Claudio, Manoel Meirelles, Marcus Aguiar,

Pablo das Oliveiras, Renato Cosentino, Renato Dória, Roberto Senna (Cabral), Severino Honorato, Silvia da Costa, Val Costa, Valmiria Guida, Vaneide Carmo, Vanessa Guida e Wladimir Loureiro.

Coordenação Geral:

Almir Paulo, Val Costa e Silvia Costa

Arte e Diagramação: Jane Fonseca.

Gestora de Redes Sociais: Silvia da Costa

O Futuro da Comunicação Popular e do Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá e das Vargens

O 2º Seminário “O Futuro da Comunicação Popular e do Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá e das Vargens”, realizado no dia 25 de janeiro, na Igreja São José Operário, na comunidade Vila Autódromo (bairro Barra Olímpica), foi um sucesso.

O evento contou com a expressiva presença de diversas entidades e lideranças dos movimentos sociais da Baixada de Jacarepaguá e da cidade. Cerca de 50 pessoas participaram do seminário, que promoveu um ótimo debate, além de ter aberto espaço para reivindicações, sublinhando os desafios da comunicação popular na luta contra a desinformação.

Importante, também, foi o fato de o encontro ter sido uma oportunidade para congregar as entidades. Ao final, ficou evidente a necessidade de articulação para ações futuras e em defesa da região e da cidade.

O *Jornal Abaixo-Assinado* (JAAJ) saiu fortalecido e reconhecido como um instrumento de comunicação comunitária significativo na região. O coletivo do JAAJ está de parabéns pelo empenho na concretização do seminário.

A equipe do jornal agradece, pelo apoio e dedicação na realização do evento, à Dona Penha, ao Luiz Cláudio, à Natália e à Maraci. Agradecimento especial para a Edelvira Lima, amiga do JAAJ, que fez a doação financeira para o *coffee break*. Ao IHBAJA, pela belíssima exposição. Ao historiador Marcelo Sant’Ana parabéns pelo entusiasmo no lançamento de seus livros. Destaque para o reencontro comovente com o militante Maurício do MUP, e para as homenagens merecidas aos professores da PUC-RJ Luiza Helena e Augusto Sampaio, pela abnegação e suporte aos núcleos de pré-vestibulares comunitários.

É fundamental destacar que o seminário renovou a disposição do coletivo do JAAJ, revigorando a todos mental e emocionalmente para continuar travando a luta pela manutenção do projeto do jornal, apesar dos desafios de sempre.

O *Jornal Abaixo-Assinado* se faz necessário nesses tempos sombrios de Trump, das *fake news* da direita brasileira, das intimidações de facções e de políticos conservadores e neoliberais na Baixada de Jacarepaguá.

Seguimos em frente... mais fortes!



Um coletivo que faz à luta por melhores condições na Baixada de Jacarepaguá e na cidade do Rio de Janeiro - sem medo de ser feliz

Debater Comunicação Popular e Comunitária foi e continua sendo o desafio

No dia 25 de janeiro de 2025, realizamos o segundo seminário, “O Futuro da Comunicação Popular e do Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá”, na Igreja São José Operário, na comunidade Vila Autódromo (bairro Barra Olímpica), que contou com a presença de diversas lideranças dos movimentos sociais.

Nosso Seminário “O Futuro da Comunicação Popular e do Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá” foi um tremendo sucesso de integração, troca de informações e debates sobre os desafios dos movimentos sociais.

Nas fotos a seguir, apresentamos algumas dessas lideranças presentes neste grande e importante evento do jornal.



Eternos amigos de luta Dona Antônia, Edelvira, Dona Jane, Dona Penha e Almir



Silvia da Costa faz apresentação do jornal e do seminário



Homenagem do JAAJ: Val Costa, professora Lenilce Flôr (PVNC Padre Roberto Barbosa), à homenageada professora da PUC Luiza Helena e a professora Alexandrina de Lourdes (Pré-Vestibular da Igreja Sagrada Família)



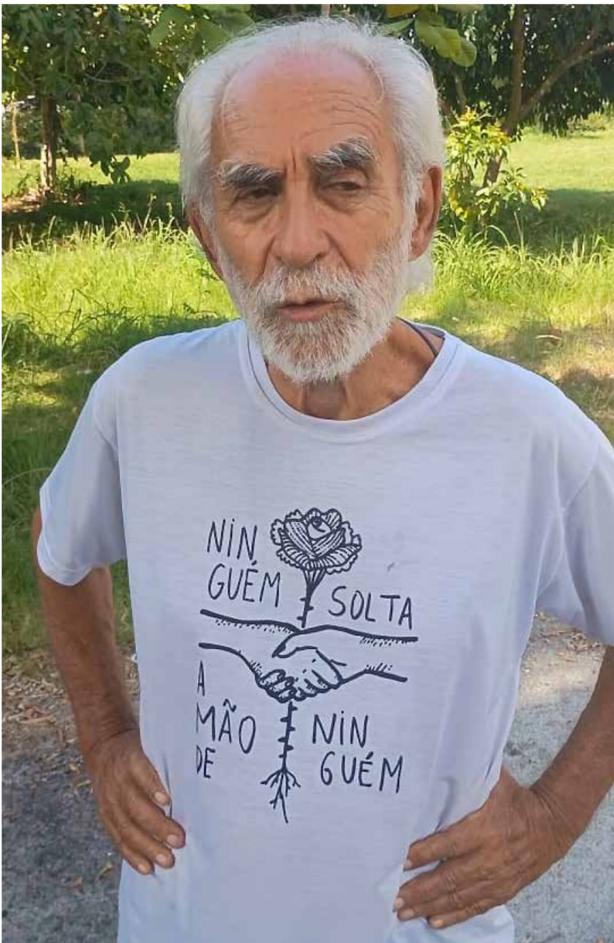
A quilombola Maraci, Paula do Conselho Popular, Dona Jane, Dona Penha e Almir



A histórica camiseta do JAAJ exibida por Val Costa



Val e Silvia fazem a apresentação da linha editorial do JAAJ



Licínio é o atual presidente da FAMRIO



Os palestrantes Felipe Lucena, Maria de Lourdes, Cláudia Santiago e Silvia da Costa - comunicação popular no centro do debate



Professor Pablo das Oliveiras faz uma fervorosa defesa da escola pública



Nossa liderança comunitária Elizabeth Bezerra - CP e Conselho das Vargens



Um público atento ao debate sobre o papel da comunicação popular contra a desinformação



O historiador Marcelo Sant'Ana e as lideranças históricas Dona Penha e Dona Jane



Uma aliança de luta - Vila Autódromo, AMAF e o JAAJ



Só gente de luta Koba (CMP), Cláudia Santiago e Luiza Helena



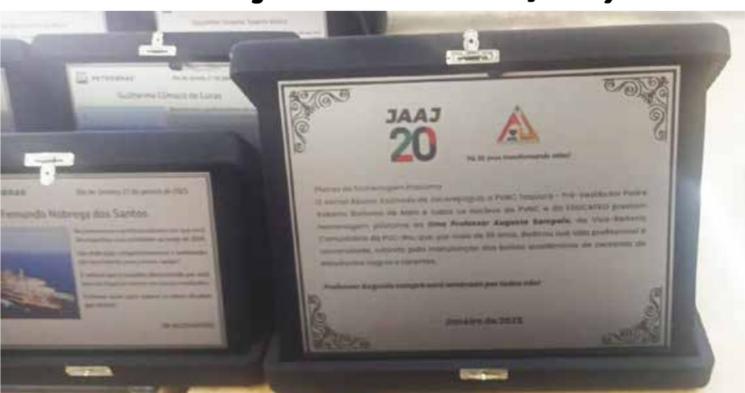
Dona Penha e Sandra homenageam o JAAJ representados por Ivan e Almir



Claudia Santiago e a Emília Maria (Cofundadora do Museu das Remoções do Horto/CP)



Os professores Lenilce Flôr e Val Costa fazem singela homenagem a professora da Puc Luiza Helena



Homenagem ao ilustre e eterno professor da Puc, Augusto Sampaio



Lúcia Maria - Pastoral de Favelas



As madrinhas do JAAJ, Dona Jane e Cláudia Santiago



Presença da presidente do PT de Jacarepaguá, professora Neli

**Almir Paulo**

*Uma vida sem desafios
não vale a pena ser vivida”
(Sócrates)*

O papel da comunicação independente e comunitária na luta contra a desinformação

Com grande satisfação que realizamos o Seminário “O Futuro da Comunicação Popular e do Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá e das Vargens”, no dia 25/01/2025, na Igreja São José Operário da Vila Autódromo. Nosso objetivo foi (e continua sendo) refletir sobre a importância crucial da comunicação independente e comunitária na luta contra a desinformação, especialmente no contexto das periferias e favelas. Este é um tema que toca diretamente a vida de milhões de brasileiros e brasileiras que, muitas vezes, são marginalizados nas narrativas dominantes da mídia tradicional.

A comunicação comunitária, muitas vezes invisível aos olhos da grande mídia, tem sido uma ferramenta poderosa na construção de um contraponto a discursos invejados e preconceituosos. Ao contrário de uma comunicação que busca apenas atrair atenção ou gerar cliques, a comunicação nas periferias tem um caráter profundamente humanizador porque coloca as pessoas no centro da narrativa, reconhecendo sua dignidade e identidade, e não apenas como objeto de consumo ou curiosidade. Ela prioriza o protagonismo de pessoas que vivem nas periferias, dando-lhes a oportunidade de expressar suas vivências, preocupações e conquistas. Ao contrário de uma abordagem superficial, ela visa gerar uma reflexão crítica sobre as desigualdades sociais e dar visibilidade a aspectos muitas vezes ignorados.

Nosso papel, enquanto comunicadores, é construir pontes, criar espaços de escuta e fortalecimento das identidades locais. E quando falamos em comunicação comunitária, não estamos apenas nos referindo a redes sociais, jornais, boletins ou rádios comunitárias; estamos falando de um movimento que vai muito além do simples fluxo de informações. Estamos falando da construção de narrativas próprias, da valorização da cultura local e da desconstrução dos estigmas e preconceitos que envolvem as comunidades periféricas.

A comunicação independente e comunitária desempenha um papel fundamental na luta contra a desinformação e na promoção da justiça social, especialmente nas áreas periféricas e nas favelas. Ela não se limita a informar, mas também a empoderar e organizar as comunidades, criando um espaço alternativo onde as narrativas dominantes podem ser questionadas e desconstruídas.

1. Combatendo a desinformação nas periferias e favelas

Nas áreas periféricas, a desinformação circula frequentemente por meio de veículos tradicionais de mídia ou redes sociais, muitas vezes com a intenção de estigmatizar os moradores de favelas, reforçando estereótipos negativos. Essas informações distorcidas podem ser competitivas, promovendo a criminalização da pobreza, a marginalização do grupo.

A comunicação comunitária surge como uma resposta a essa problemática, oferecendo uma alternativa que permite a construção de narrativas autênticas e baseadas nas realidades locais. As comunidades próprias se tornam protagonistas da informação, compartilhando histórias e experiências que fogem da lógica de sensacionalismo e estigmatização. Exemplos incluem jornais comunitários, rádios locais, plataformas digitais e vídeos criados por moradores de favelas, que discutem temas essenciais e mostram uma perspectiva mais próxima da realidade do povo periférico.

2. Desafios e impacto na organização popular

Além de combater a desinformação, a comunicação comunitária tem um impacto importante na organização popular. Quando as comunidades conseguem controlar suas próprias narrativas, elas se tornam mais capazes de articular suas demandas e lutar por seus direitos.

O papel da comunicação aqui não é apenas informativo, mas também formativo: oferecer espaço para discussão sobre temas como saúde, educação, segurança pública, direitos humanos e questões de gênero. Assim, ela é fortaleza e fortalece.

Esse processo de organização popular através da comunicação é essencial para a resistência e a construção de uma sociedade mais justa. A comunicação comunitária também tem o poder de mobilizar recursos, ampliar a visibilidade das lutas locais e estabelecer parcerias e articulações com os demais movimentos sociais. A luta é de todos.

3. A comunicação como ferramenta de defesa e empoderamento

Em um contexto de invisibilidade e marginalização, a comunicação independente e comunitária é uma ferramenta de empoderamento. Ao dar voz as pessoas que geralmente não são ouvidas, ela reforça a autonomia das comunidades e contribui para a construção de uma identidade coletiva. Isso se torna particularmente importante quando se considera a luta contra o estigma das favelas e periferias, onde as narrativas frequentemente se associam às comunidades a violência.

A comunicação comunitária é uma forma de resistência ao monopólio da mídia convencional, que muitas vezes silencia ou distorce as realidades vividas pelas populações periféricas. Ao criar seus próprios canais de expressão, as comunidades podem redefinir a maneira como são vistas pelo restante da sociedade, permitindo que os moradores de favelas e periferias sejam percebidos em suas lutas.

4. Contribuições para o debate social e político

A comunicação comunitária também é um espaço de debate político e social. As iniciativas de comunicação promovem o fortalecimento de uma cultura de resistência. Nas favelas e periferias, questões relacionadas à desigualdade, à falta de acesso aos direitos básicos, à violência policial e à exclusão social são comuns, mas nem sempre encontram espaço nas grandes mídias. A comunicação independente permite que esses temas ganhem visibilidade, sendo planejados de forma ampla, com a participação ativa da comunidade. Além disso, ela facilita a articulação de políticas públicas mais inclusivas e a promoção de um debate sobre a justiça social.

Conclusão

A comunicação independente e comunitária não apenas combate a desinformação, mas também fortalece as comunidades periféricas e favorece a construção de uma sociedade mais equitativa.

Por meio da promoção da liberdade de expressão, do empoderamento local e da visibilidade das lutas, a comunicação se torna um instrumento de resistência e transformação social.

Ela é crucial para dar voz aos oprimidos, para quebrar o ciclo de estigmatização e para criar um futuro mais justo e inclusivo para as populações.

A comunicação nas periferias se distingue pela sua proposta de amplificar as vozes e as realidades daquelas que muitas vezes são marginalizadas ou invisibilizadas pelos meios de comunicação tradicionais.



Leia no
facebook.com/jaajrj

Obra para um empreendimento da construtora Gafisa aterrou parte da lagoa de Jacarepaguá

Confira na edição 177



O empreendimento imobiliário com vista privilegiada para a lagoa tem sido questionado na Justiça por ocupar uma Área de Proteção Permanente (APP) na Barra da Tijuca.



Há 19 anos, nós escrevemos sobre pessoas que defendem ativamente uma causa



Seja assinante do jornal das lutas comunitárias e da cultura popular www.catarse.me/jaajrj





Felipe Lucena - Jornalista e roteirista

Maioria dos terrenos verdes que a Prefeitura do Rio quer leiloar ficam em Jacarepaguá, Vargens, Barra e Recreio

Fotos: Google

A Lei Complementar nº 275, de 8 de novembro de 2024, visa um novo planejamento urbano na cidade do Rio de Janeiro. Esta proposta permite que a Prefeitura faça a desafetação e o licenciamento de 54 lotes públicos, que poderão ser leiloados para construção de edifícios residenciais e comerciais. Entre esses terrenos estão áreas verdes e até de vegetação nativa. A maior parte dos lotes fica nos bairros de Jacarepaguá, Vargem Grande e Vargem Pequena, Barra da Tijuca e Recreio dos Bandeirantes.

“Importante ressaltar que para o meio ambiente nessas regiões o impacto será irreversível, tendo em vista que grandes áreas de matas, animais silvestres, árvores e plantas nativas serão atingidas”, destaca um trecho de um abaixo-assinado apoiado por movimentos como a **ONG Distrito Animal, Brigada Animal, Fórum da Cidadania do RJ, Sociedade Civil Organizada e Comitê Popular das Vargens.**

Na sequência, o texto pontua: *“É cediço que o plano diretor aprovado pelos municípios é o instrumento básico da política de desenvolvimento e expansão urbana, e devem preservar a ocupação de áreas verdes, visando a redução da impermeabilização das cidades. Assim, a Lei Complementar nº*



Algumas dessas áreas são de vegetação nativa e um desses lotes arborizados, ironicamente, fica ao lado da escola que leva o nome do paisagista Burle Marx

275/2024 é bem clara no descumprimento da Lei Complementar nº 270/2024 que estabelece diversos dispositivos em defesa do meio ambiente”.

O advogado e ambientalista **Rodrigo Bertoli**, que está atuando junto com os movimentos críticos à Lei Complementar, afirmou que “em recente declaração ao evento U20 Rio Summit, composto por 87 prefeitos e delegações de mais de 100 cidades ao redor do mundo, o Prefeito Eduardo Paes denunciou que ‘o mundo está atrasado em mais de 80% dos objetivos da ONU para 2023’. Na prática o seu discurso é controverso, eis que veio à tona o leilão de 54 lotes públicos para a construção de edifícios residenciais e comerciais, em afronta os próprios objetivos da agenda 2030 da ONU. Tal ato revela a falta de transparência da própria Prefeitura em dar publicidade ao tema e permitir um debate público com a sociedade civil sobre a viabilidade e os impactos ambientais e urbanos na Cidade. A Política Nacional do Meio Ambiente (Lei Federal nº 6.938 de 1981) promove a compatibilização do desenvolvimento econômico-social com a preservação da qualidade do meio ambiente e do equilíbrio ecológico. No mesmo sentido, deve-se observar o princípio das cidades e desenvolvimento sustentável, buscando o justo equilíbrio ecológico entre as exigências da economia e as da ecologia (art. 3º, inciso II c/c art. 225 da CRFB/88)”.

Veja quais são os terrenos com vegetação nativa:

Avenida Ayrton Senna, s/nº Barra da Tijuca (5.579,88m²)	Rua Silvia Pozzano, s/nº (junto ao nº 615) Recreio dos Bandeirantes (3.099,06m²)	Estrada dos Bandeirantes, 14.951 Vargem Pequena (6.198,76m²)
---	---	--

Os outros lotes de áreas verdes são:

Rua Intendente Costa Pinto, s/nº Barra da Tijuca (6 lotes – +/- 2.400m²)	Estrada do Joá Barra da Tijuca (6 lotes – 3.000m²)	Av. Ayrton Senna, 2001 Barra da Tijuca (51.000,00m²)	Rua Jorge Dodsworth Martins, s/nº Barra da Tijuca (797,52 m²)
Av. Octávio Dupont, s/nº Barra da Tijuca (4.109,29m²)	Av. Afonso de Taunay, 225 Jardim Oceânico, Barra da Tijuca (2 lotes – 1.950m²)	Estrada do Engenho D'água, junto ao 1401 Jacarepaguá (2.000,00m²)	Estrada dos Bandeirantes, s/nº Jacarepaguá (16.992,24m²)
Rua Franz Weissman, s/nº Jacarepaguá (1.668,75m²)	Rua Laura Teles, s/nº Jacarepaguá (2.002,02m²)	Av. Aldemir Martins, s/nº Recreio dos Bandeirantes (1.702,73m²)	Rua Helena Miranda, s/n Recreio dos Bandeirantes (2.409,04m²)

Além de um na Estrada Coronel Pedro Corrêa, s/nº, em Jacarepaguá, de 1.943,96m². Esse tem uma ironia à parte, pois a área repleta de árvores fica ao lado da escola Roberto Burle Marx, um dos maiores nomes do paisagis-



mo no Brasil e no mundo.

A Prefeitura da Cidade do Rio informou, em nota, que “a Superintendência de Patrimônio Imobiliário da cidade do Rio informa que a Lei Complementar Nº 275 de 2024, que foi aprovada na Câmara dos Vereadores em outubro do ano passado, autoriza a destinação de um conjunto de imóveis municipais sem, no entanto, a obrigatoriedade de que uma alienação seja efetuada.

Qualquer destinação que venha a ser definida, será precedida por uma análise do Poder Executivo Municipal quanto à sua oportunidade e conveniência, o que inclui a importância

dessas áreas no contexto urbano no qual estão inseridas.

Vale frisar que a medida autoriza a alienação dos referidos imóveis, mas que estes seguem submetidos às restrições legais e urbanísticas das regiões em que se encontram. Neste sentido, possíveis empreendimentos a serem implantados no futuro, deverão ser devidamente licenciados em estrita observância da legislação vigente na cidade do Rio.”

A Secretaria Municipal do Ambiente e Clima (SMAC) declarou, também em nota, que “o licenciamento não se encontra mais como responsabilidade da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Clima (SMAC). A SMAC compreende as preocupações da sociedade civil em relação ao licenciamento, e reconhece a importância de um diálogo aberto e transparente sobre as questões ambientais e urbanas que permeiam esta decisão. A SMAC entende que o desenvolvimento da cidade é fundamental, mas que deve ocorrer de forma sustentável e equilibrada, priorizando a qualidade de vida da população e a preservação do meio ambiente. A Secretaria está empenhada em trabalhar em conjunto com outros órgãos municipais para encontrar soluções que promovam um crescimento urbano sustentável. As obras licenciadas e autorizadas serão monitoradas de forma contínua, a fim de verificar o cumprimento das condicionantes ambientais e tomar as medidas necessárias em caso de irregularidades”.

Há 19 anos, nós escrevemos sobre pessoas que defendem ativamente uma causa

JORNAL ABAIXO ASSINADO JPA

Seja assinante do jornal das lutas comunitárias e da cultura popular
www.catarse.me/jaajrj



Douglas Aguiar - Estudante de jornalismo

Comunidade Dois Irmãos no fogo cruzado

Moradores de Curicica vivem momentos de pânico em meio a constantes trocas de tiros.

Os que residem na comunidade Dois Irmãos, em Curicica, vivem ame-drontados, em virtude de intensos tiroteios registrados permanentemente na região.

A sensação de insegurança vem crescendo na localidade nos últimos meses. Um local que sempre foi de paz e tranquilidade, agora está sendo marcado pelo perigo incessante.

Resolver o problema de segurança pública é sem dúvida uma tarefa complexa e desafiadora. Requer esforços coordenados de diversas áreas, incluindo educação, emprego, assistência social e, claro, segurança.

Contudo, não podemos aceitar a violência como algo normal e natural.

JORNAL **ABAIXO**
ASSINADO

O que é racismo ambiental?



Racismo ambiental é termo utilizado para tratar da desigualdade socioambiental que atinge, sobretudo, as comunidades marginalizadas, onde estão presentes pessoas negras, indígenas e empobrecidas..

Confira na edição 170 do jornal

Leia no
facebook.com/jaajrj

JORNAL **ABAIXO**
ASSINADO

Cresce os casos de dengue em Jacarepaguá

De janeiro até 15 de fevereiro de 2024, foram registrados 41.252 casos de dengue no estado do Rio de Janeiro.

Confira na edição 170 do jornal

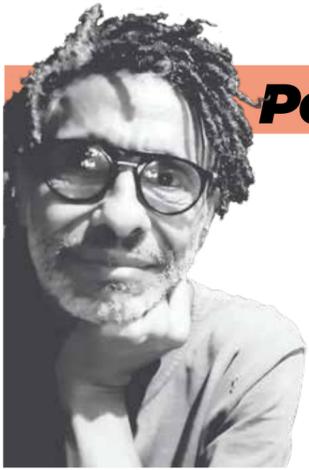


Leia no
facebook.com/jaajrj

Peça gratuitamente um exemplar do JAAJ ao seu jornaleiro

- **Naldo da Banca Estrada do Tindiba, em frente ao nº 2.331 Taquara**





Pablo das Oliveiras - Professor & Poeta

Ônibus ou panela de pressão?

Qual folião do Carnaval do Rio e Janeiro, não conhece a marchinha *ALLAH-LA-Ô, Ô-Ô-Ô-Ô-Ô-Ô / MAS QUE CALOR, Ô-Ô-Ô, Ô-Ô-Ô...*

Neste carnaval, que será em março, já vesti a minha fantasia de *Dragão* do horóscopo chinês e vou cuspir fogo nas concessionárias da Cedae.

Onde já se viu programar ma-

nutenção ordinária, com corte no fornecimento de água durante o alto verão?! Nesse período, serviço com corte de água, somente em situação de emergência. Não faz sentido, a pessoa comprar água pra beber, ficar sem banho e receber uma fatura mensal, como se tivesse três piscinas em casa. Lembrando que a farrá da concessão dos serviços da Cedae aconteceu em abril e dezembro de 2021, na contramão da tendência global de voltar os serviços de saneamento básico para a gestão municipal, como em Paris, Berlim, Budapeste, Atlanta, Buenos Aires, La Paz, Cochabamba, desde o ano 2000.

VIEMOS DO EGITO / E MUITAS VEZES NÓS TIVEMOS QUE REZAR / ALLAH, ALLAH, ALLAH, MEU BOM ALLAH... Na Baixada de Jacarepaguá, viajar nos ônibus do Grupo Redentor, Transportes Futuro e Transportes Barra é uma penitência. Na Plataforma Reclame AQUI, os passageiros registram problemas diversos, avaliam o transporte como péssimo e não recomendam o serviço das empresas (as alternativas são muito caras!). A maioria dos ônibus dessas empresas circula com vidros panorâmicos ou janelas fechadas, sem ar refrigerado ou com baixa ventilação. Quando a refrigeração é boa, o sistema de drenagem faz chover sobre os passageiros nos bancos alinhados às janelas – eu já vi gente usando capa de chuva. As reclamações no Portal Rio 1746 parecem não chegar aos responsáveis pelas soluções, e os passageiros, sem ter seus direitos respeitados, continuam viajando de arrasto.

O Portal da Prefeitura informa que numa primeira etapa (dez. 2024), instalou “sensores de ar-condicionado nos ônibus (SPPO) da cidade. A ação tem por objetivo garantir o bem-estar dos passageiros e punir as empresas que não cumprirem as regras de climatização”.

Os moradores da Baixada de Jacarepaguá, não gozam desse “bem-estar”! Com a maior desfaçatez, o Grupo Redentor continua sonhando a prestação de serviço adequado aos passageiros, que pagam caro para viajar numa panela de pressão. *ATRAVESSAMOS O DESERTO DO SAARA / O SOL ESTAVA QUENTE E QUEIMOU A NOSSA CARA / ALLAH-LA-Ô, Ô-Ô-Ô, Ô-Ô-Ô / MAS QUE CALOR, Ô-Ô-Ô, Ô-Ô-Ô*

Nota: “Allah-la-ô” é uma composição de Haroldo Lobo e Nássara.

Crédito imagem: Pulsar Imagens
<https://www.pulsarimagens.com.br>





Cíntia Travassos - Produtora

Mestre Davi e sua Folia de Reis na CDD

Davi Paranhos Peixoto, conhecido como Mestre Davi, um artista criativo, com muita resistência e alegria, é carioca, criado na comunidade da Cidade de Deus e o responsável geral do "Grupo de Folia de Reis os 12 Apóstolos de Cristo da Cidade de Deus", fundado em 2016.

De lá pra cá, Mestre Davi vem fomentando essa linda tradição, com muito amor, visando não apenas transmitir saberes sobre a cultura da Folia de Reis, mas também mostrar que a dança e o canto são manifestações de cunho social, que buscam melhorar a qualidade de vida dos jovens e crianças da comunidade da Cidade de Deus, afastando-os das práticas ilícitas, principalmente das drogas.

O interesse de Mestre Davi pela Folia de Reis, que é uma tradição de fé, cultura e religião, começou aos 7 anos de idade, por intermédio do saudoso Mestre Miúdo que deixou esse importante legado.

Hoje, com 27 anos de idade, Mestre Davi, exerce, com toda a sua maestria, a coordenação do grupo, que possui atualmente 25 componentes. Sua intenção é perpetuar essa festa folclórica, incentivando a participação ativa de todos, para que esta se perpetue e seja difundida cada vez mais. Este é o seu maior desafio.

Mestre Davi tem total apoio da família, e compõem o Grupo sua mãe, Carmem Lúcia Paranhos (que é a contramestre) e sua esposa Paloma Davi Parente (alferes que conduz a bandeira). Davi é o mestre orador e responsável pela folia. Os adolescentes e demais integrantes são os foliões.

Viver e sonhar! Mestre Davi nutre seus sonhos com muita luta e persistência. Ele almeja construir uma sede social e ter apoio financeiro e patrocínio para

custear as despesas para continuar difundindo a Folia de Reis.

Atualmente, o "Grupo de Folia de Reis os 12 Apóstolos de Cristo da Cidade de Deus" está precisando de um lugar para guardar os seus instrumentos e de apoio aos transportes para as apresentações. Quem puder ajudar, basta entrar em contato com o Mestre Davi pelas suas redes sociais:

facebook.com/folia de Reis os 12 apóstolos de Cristo da cidade de Deus

https://www.instagram.com/os_12apostolos_de_cristo?igsh=eXlhb3cxODlidzlv.



Mestre Davi e o "Grupo de Folia de Reis os 12 Apóstolos de Cristo da Cidade de Deus" se preparando para uma apresentação

Mestre Davi



Registro de Mestre Davi quando criança na Folia de Reis sentado do lado esquerdo de Mestre Miúdo

Valéria Barbosa



Magnun Alves - escritor

Jacarepaguá, trilhos da História



Ilustração: Magnus Alves

A Baixada de Jacarepaguá sempre foi um território de conexões. No passado, suas vastas terras eram percorridas por bondes de tração animal, que chegavam até o largo do Tanque, onde havia um reservatório de água utilizado para hidratar os animais — origem do nome da localidade.

Com o crescimento da cidade, a modernização chegou aos trilhos. Entre 1920 e 1930, os bondes elétricos começaram a circular, estendendo seu percurso até o largo da Taquara. Suas hastes conectadas à rede elétrica simbolizavam o avanço urbano. No entanto, apesar dessa evolução, o interior do Sertão Carioca ainda carecia de infraestrutura urbana significativa, dificultando a vida dos moradores das regiões mais afastadas.

Antes mesmo da chegada dos bondes elétricos, o engenheiro Rodrigues Caldas foi fundamental na criação da estrada Velha do Rio Grande, conectando o Sertão Carioca a outras áreas da cidade. A via, inicialmente utilizada para escoamento da produção agrícola, tornou-se estratégica no desenvolvimento econômico local.

Hospitais e crescimento urbano

A urbanização da Taquara se intensificou com a chegada de importan-

tes hospitais. O Curupaiti, cuja pedra fundamental foi lançada em 1922, só foi inaugurado em 1928. Já a Colônia Juliano Moreira, criada em 1924, foi originalmente denominada Colônia de Psicopatas de Jacarepaguá. Além de trazer avanços para a saúde, essas instituições impulsionaram o crescimento da região.

No entanto, Jacarepaguá não é feita apenas de trilhos e progresso. Suas terras foram palco de batalhas, ocupadas por povos indígenas e, posteriormente, por escravizados. Por séculos, essa memória foi esquecida — até que um novo movimento resgatou sua importância.

O Corredor Cultural da Taquara à Colônia Juliano Moreira

Para preservar essa história, o grupo Encantos do Sertão Carioca / Casa de Cultura de Jacarepaguá, apaixonados pela história local, buscaram meios de viabilizar o Corredor Cultural de Jacarepaguá, conectando a Taquara à Colônia Juliano Moreira. Projeto de Lei nº 2.281/2023, aprovado pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

O Corredor Cultural busca valorizar o patrimônio da região.

O trajeto passa por marcos históricos, como a Fazenda da Taquara, o Aqueduto do Rio Grande e o Engenho Novo da Taquara, além da própria Colônia Juliano Moreira, que funcionou por décadas como hospital psiquiátrico em um antigo engenho de cana-de-açúcar.

Além da preservação, o projeto pretende ter impacto direto na economia local, fomentando o turismo cultural e histórico, incentivando o resgate de memórias importantes de Jacarepaguá.

A história em cada esquina, em cada trilho que um dia guiou o progresso, em cada estrada aberta pelo esforço de visionários como Rodrigues Caldas e em cada memória que se recusa a ser apagada.

O passado deixou marcas, mas é o presente que mantém essa história viva. O Corredor Cultural da Taquara à Colônia Juliano Moreira é um símbolo dessa continuidade — um convite para que novas gerações conheçam, respeitem e celebrem o legado de um bairro que sempre esteve em movimento.

@mpa.escritor

JORNAL
ABAIXO
ASSINADO

20 de novembro
Dia da
Consciência Negra

A rainha do Congo,
Diambi Kabatusuila,
visitou o Rio de Janeiro
e viu de perto heranças da cultura
do povo bantu na cidade.

Confira na edição 180 do jornal

Leia no facebook.com/jaajrj





**Instituto Histórico
da Baixada de Jacarepaguá**

**Renato Dória - Professor e
Coordenador do IHBAJA**

Do Sertão Carioca ao Centro Metropolitano:

urbanização e disputas por terra na Baixada de Jacarepaguá no século XX

★ **Gamponeses Cariocas Enfrentam Espoliação da Terra**



JACAREPAGUÁ: — GRILEIROS SERÃO RECEBIDOS A BALA!

Durante a maior parte do século XX, devido à sua posição geográfica distante do centro da cidade, a Baixada de Jacarepaguá foi uma região rural produtora de alimentos para o comércio destinado às áreas urbanas do Rio de Janeiro. Por isso, ficou conhecida como o Sertão Carioca. O processo de transformação desta região em área urbanizada ocorreu ao longo de todo o século XX e com diferenças nos ritmos para cada localidade, porém, se intensificou a partir da segunda metade. Neste contexto, a década de 1960 se tornou um marco divisor do processo de expansão urbana na região por dois motivos: primeiro, por ter sido quando se intensificaram a expansão dos loteamentos urbanos e as disputas por terra entre pretensos proprietários de terras e famílias de pequenos lavradores, pescadores e posseiros na região. Estas disputas, marcadas pelo uso de grande violência, evidenciam uma das características do desenvolvimento urbano e da ocupação das terras na Baixada de Jacarepaguá no século XX.

O segundo motivo, é porque também na década de 1960 os planejadores da urbanização da cidade definiram que a Baixada de Jacarepaguá não deveria mais ser uma região rural e o estado deveria criar condições para consolidar sua ocupação urbana. Por ser o centro geográfico da cidade do Rio de Janeiro e a região para onde a cidade se expandia, a Baixada de Jacarepaguá deveria se tornar um Distrito Central de Negócios, o futuro Centro Metro-



Demolições na Vila Harmonia, Recreio, 2011

Entretanto, conforme avançou a expansão urbana na forma de obras de infraestrutura e construção imobiliária nas décadas de 1970, 1980 e 1990 na Baixada de Jacarepaguá, as violentas disputas por terra permaneciam. Desta vez, contudo, tendo outros agentes sociais como protagonistas: representantes de empresas do setor imobiliário, particulares, agentes de órgãos da administração estatal e posseiros moradores de favelas. Neste contexto, nas diversas áreas da Baixada de Jacarepaguá em que o processo de expansão urbana e ocupação humana resultou na formação de favelas, muitas destas, em algum momento, foram alvo de ações de despejos e remoção.

Mais recentemente, a expansão urbana na Baixada de Jacarepaguá avançou ainda mais com a preparação da cidade do Rio de Janeiro para sediar competições esportivas internacionais, como a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. E a retomada da proposta de construção do Centro Metropolitano para a Baixada de Jacarepaguá ocorreu ao mesmo tempo em que várias favelas da região sofreram violentas ações de despejos e tentativas de remoção. Nestas disputas por terra, os moradores de favelas não foram sujeitos passivos frente as ações de despejo e tentativas de remoção. Pelo contrário, em muitos casos, os moradores de favelas, assim como os pequenos lavradores e posseiros do passado, organizaram importantes movimentos de resistência.

Tudo isto expõe as conexões entre as disputas por terra do passado mais distante e do passado mais recente, reforçando o fato de que o movimento de expansão urbana e ocupação das terras na Baixada de Jacarepaguá entre as décadas de 1960 e 2010 se desenvolveu marcado por intensos conflitos sociais. Neste sentido, importa destacar que o movimento da expansão urbana caminhou junto com o da valorização imobiliária e o da expansão das relações da economia de mercado sobre territórios onde ainda não havia penetrado. Temos, então, um duplo movimento: o da expansão da economia de mercado, com a busca por mais liberdade de ação para o capital imobiliário e impactando o tecido social. E o da reação da sociedade, que busca conter os excessos daquela expansão, proteger as pessoas e as instituições sociais.

politano do Estado da Guanabara. E para concretizar esta proposta, o Estado da Guanabara se tornou o facilitador desta expansão urbana com a realização de um conjunto de obras de infraestrutura. Assim, a proposta de construção do Centro Metropolitano surgiu no coração do Sertão Carioca.



Rodrigo Hemerly - Historiador & professor
professor.hemerly@uol.com.br ** www.historiahumana.com.br.

Aspectos gerais da Baixada de Jacarepaguá

O artigo da coluna “Fatos e Personalidades da Nossa História”, do mês de fevereiro de 2025, do *Jornal Abaixo-Assinado Jacarepaguá e das Vargens*, versará sobre os principais aspectos gerais da História e da Geografia da Baixada de Jacarepaguá, uma das principais regiões históricas do município de Jacarepaguá.

A Baixada de Jacarepaguá está delimitada pelo maciço da Tijuca, maciço da Pedra Branca e oceano Atlântico, englobando os seguintes bairros: Anil, Barra da Tijuca, Camorim, Cidade de Deus, Curicica, Freguesia, Gardênia Azul, Grumari, Itanhangá, Joá, Pechincha, Praça Seca, Recreio dos Bandeirantes, Taquara, Tanque, Vargem Grande, Vargem Pequena e Vila Valqueire.

O nome dessa região histórica advém da população indígena (tupi-guarani), que fazia referência à existência de jacarés (jacaré do papo-amarelo) no local, à rede lacunar-fluvial e por ser uma baixada, conforme a seguir: yakaré (jacaré), upá (lagoa) e guá (baixa). A partir do contato com os colonizadores, esses termos yakaré (jacaré), upá (lagoa) e guá (baixa) foram transliterados para Jacarepaguá.

Inserido no processo da colonização portuguesa nas terras americanas, a Baixada de Jacarepaguá foi incorporada ao Pacto Colonial (Colônia-Metrópole), e a ocupação dessas terras foi feita por meio de sesmarias (concessão de terras a título de colonização), que neste caso foram concedidas para Gonçalo Correia de Sá e Martim Correia de Sá (Salvador Correia de Sá – governador da Capitania do Rio de Janeiro), no dia 9 de setembro de 1594 (segunda-feira).

A principal atividade econômica dessa região era a produção agrícola (café e cana-de-açúcar), mas, após o processo de urbanização da Baixada de Jacarepaguá, a principal atividade econômica é a atividade urbana.

Do ponto administrativo, foi criada a Paróquia da Freguesia de Nossa Senhora do Loreto e Santo Antonio de Jacarepaguá, no dia no dia 6 de março de 1661 (domingo). A principal figura histórica dessa região é Francisco Pinto da Fonseca Teles, barão da Taquara.



**Francisco Pinto da Fonseca Teles,
barão da Taquara**



Yakaré Upá Guá - Val Costa - Texto e fotos

Sorria, você está na Barra! (Parte 1)



Praia da Barra da Tijuca

O bairro da Barra da Tijuca está localizado na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Possui, segundo o Censo de 2022, 147.456 habitantes, que estão espalhados por uma área de 4.815,06 hectares. A chamada “Miami brasileira” foi criada oficialmente em 23 de julho de 1981, pelo Decreto 3158.

As primeiras ocupações do local datam de 4.500 anos atrás, fato atestado pelos diversos sambaquis encontrados no bairro. Os sambaquis são os mais antigos vestígios do ser humano em nosso litoral. Constituem montes formados por conchas, restos de utensílios domésticos, espinhas de peixes e esqueletos humanos, encontrados próximo aos lugares onde os povos pré-históricos construía suas moradias. Esses sítios arqueológicos foram localizados em diversos pontos do bairro: Clube Fazenda Marapendi (Sítio da Beira da Estrada), entre as lagoas de Marapendi e Jacarepaguá (Sítio da lagoa de Marapendi) e na Praça do Ó (Sítio do Canal).

Quando os portugueses iniciaram o processo de ocupação do que hoje corresponde ao estado do Rio de Janeiro, encontraram povos guerreiros que foram divididos pelos pesquisadores em quatro famílias linguísticas: Tupi-Guarani, Puri, Botocudo e Maxakalí. Nessa época, na Baixada e Jacarepaguá, existiam diversas aldeias Tupinambás.



Lagoa de Marapendi

A palavra “tijuca” tem origem na família linguística Tupi-Guarani, é corruptela de tey que, vereda, possivelmente o caminho que esses povos originários faziam até o litoral. Uma outra expressão – ty yuc – que significa água podre, brejo ou lama, também era utilizada pelos nativos para designar as áreas alagadas da região.

Em 1501, a Coroa Portuguesa organizou uma expedição para reconhecer as potencialidades da chamada Terra de Santa Cruz. Ela foi comandada por Gaspar de Lemos que, após chegar ao litoral carioca, navegou quatro léguas a Oeste e encontrou a costa da Barra da Tijuca. Não vendo possibilidade do local receber pequenas embarcações, seguiu adiante pela Restinga da Marambaia até achar a atual Ilha Grande.

As terras que hoje englobam o bairro, pertenciam a uma imensa sesmaria cedida à família Corrêa de Sá após a expulsão dos franceses da Baía de Guanabara.

Até a década de 1920, o local era ocupado, principalmente, por pescadores e horticultores. Possuía características rurais e tinha como principais atividades econômicas a produção de aguardente, lenha, carvão, milho, ervas e frutas.

Ficou curioso para saber como essa área bucólica se transformou na Miami brasileira? Não perca a continuação desse texto na próxima edição do Jornal Abaixo Assinado!



História da Região

Leonardo Soares dos Santos

Professor de História da UFF e pesquisador do IHBAJA

A Barra da Tijuca de outras histórias



Cena da Barra da Tijuca, na altura do Jardim Oceânico

Barra da Tijuca é um dos bairros de história mais recente no Rio, ao menos daqueles mais notórios. As suas bases foram lançadas ainda nos anos 20, mas só começou a tomar cara mesmo lá para o final dos anos 70.

E na história então comumente narrada sobre a Barra, ela é associada a imagens paradisíacas (praias, lagoas, canais, ilhas, morros, restingas) e a grupos sociais específicos (classe média alta e novos ricos) e a tipos de habitação diretamente relacionados ao poder aquisitivos daqueles grupos (condomínios de alto padrão, mansões, apartamentos luxuosos).

Consolidou-se então uma imagem da Barra da Tijuca como um lugar de desfrute das classes mais abonadas da sociedade carioca: um espaço de recreio dos mais privilegiados. Das práticas de “corrida de submarino” feitas nas praias pelos jovens namorados dos anos 40 e 50, a Barra passou a ser a sede por excelência de práticas como o surf, windsurf, voos de ultraleve, passeios no shopping, livre desfile de carros importados, restaurantes finos etc.

Nesse retrato sobre o bairro e sua história, havia uma ideia subjacente: a de que o território começou a se desenvolver exatamente quando esses usos se consolidaram no território ali pelos anos 80. Era como se antes a

Barra não tivesse história.

Grave erro. Porque a história da Barra é muito anterior. E feita por mãos, braços, suor e sangue de gente de outras categorias sociais. Antes de tudo é preciso lembrar que antes dos portugueses ocuparem o território, os povos originários já a habitavam, nela produzindo vida e saberes. E do período colonial até o fim da monarquia escravocrata a área seria desenvolvida e cuidada pelo trabalho de pescadores e camponeses, e por trabalhadores escravizados, ou seja, tratava-se nos dois casos do povo preto que ali ia fazendo o dia-a-dia da sobrevivência, sob condições muito duras e injustas, mas sempre resistindo e persistindo. Houve ainda uma boa parcela de escravizados alforriados e quilombolas que também atuaram na região desde sempre, ocupando pequenas parcelas nos morros da região e que seguiram vivendo na região por anos a fio, e com seus descendentes atravessando o século XX, mantendo seus roçados e pequenas criações, tão importantes para a subsistência de tantas famílias que ali habitavam.

A história dessa gente ainda está para ser devidamente contada. E a história dela foi e é parte integrante da história da Barra da Tijuca. A Barra é muita mais do que shoppings, condomínios e lazeres da classe média bronzeada. Ela também é a Barra do povo preto, pobre e camponês.

JORNAL **ABAIXO ASSINADO**

Por que o nariz do cachorro é gelado?

O focinho gelado do cão é sinal de saúde. E o que o mantém sempre frio e molhado é o fato de que esses animais regulam a sua temperatura corporal por meio da respiração. Confira na edição 181 do jornal



Leia no facebook.com/jaajrj

JORNAL **ABAIXO ASSINADO**

Ambientalistas e autoridades cobram fiscalização em obra que está aterrando margem da Lagoa de Jacarepaguá

Confira na edição 179



Leia no facebook.com/jaajrj

Seja ASSINANTE e apoie o JORNAL Abaixo-ASSINADO

Acesse
www.jaajrj.com.br/catarse.me

Além de receber o jornal impresso bimensal em sua residência, você terá acesso a todo o conteúdo do jornal digitalizado em PDF, via whatsapp.





RÁDIO: SUA HISTÓRIA. VOCÊ SABIA?

Claudio Ligue Ligue - Radialista

O rádio na atualidade Da década de 1990 até o hoje: o rádio na era digital

A década de 1990 marcou a transição do rádio para a era digital. A introdução da transmissão via satélite e a disponibilidade de estações de rádio na internet revolucionaram a forma como as pessoas consumiam conteúdo de áudio. Isso permitiu uma audiência global e uma variedade infinita de opções de programação. Além disso, os podcasts se tornaram uma forma popular de conteúdo de áudio, demonstrando a adaptabilidade contínua do rádio à evolução tecnológica e a capacidade de se manter relevante na era digital.

A história do rádio é uma saga de inovação, entretenimento e comunicação. Desde suas origens humildes até sua evolução na era digital, ele moldou a cultura e a sociedade em todo o mundo.

Cada período significativo trouxe desafios e avanços que contribuíram para a evolução contínua do rádio como meio de comunicação vital e fonte de entretenimento.

É uma história que continua a se desenrolar na era digital, demonstrando a resiliência e a capacidade de adaptação do rádio às mudanças tecnológicas e culturais.

Streaming para rádios

Faça transmissões ao vivo ou programe o Auto DJ para deixar sua rádio no piloto automático
<https://www.brlogic.com/radio-streaming>

Peça de teatro “Rádio: Você Sabia?”

Em homenagem ao rádio, será realizado um evento teatral no dia 14 de fevereiro de 2025, no salão paroquial da Igreja de Nossa Senhora de Fátima do Pechincha, na rua Beneventes, nº 15, a partir das 19h45. Título da peça teatral: “RÁDIO: VOCÊ SABIA?”

Apoio do *Jornal Abaixo-Assinado*, Comércio Local e Rádio rj1075.com.



Web: rj1075.com

Claudio Ligue Ligue - Robson Vivendo



Roberta Azevedo - Jornalista

Liap promove a inclusão e o acolhimento das pessoas com deficiência

O Lar Integrado Amor Puro (Liap), localizado na Curicica, foi criado em 2006 e é uma instituição religiosa cristã e filantrópica que atende gratuitamente a 33 pessoas, de 18 a 59 anos, com diversos tipos de deficiência. Todos os assistidos são moradores de Jacarepaguá e se encontram em situação de vulnerabilidade social.

O espaço funciona como um casa-lar dia, no qual os alunos realizam atividades de socialização, passeios, oficinas de artesanato e teatro e aulas de música, inglês, informática, culinária, ioga, psicomotricidade, educação física, capoeira e dança.

Atualmente, a instituição conta com 26 voluntários e dois funcionários que auxiliam no atendimento aos alunos com deficiência. A casa é mantida com as doações dos frequentadores do centro espírita e com os recursos

oriundos dos eventos promovidos pela instituição e da venda do brechó, do bazar, da cantina e da livraria.

Recentemente, os responsáveis pelo Liap, Jorge Luiz Soares de Carvalho e Reneide Virgínia de Carvalho, adquiriram um terreno no qual está sendo construída uma residência inclusiva, que abrigará 11 alunos com deficiência que são atendidos pela casa. Em decorrência do falecimento dos seus pais/genitores, eles ficaram sem moradia e não têm a



Alunos do LIAP em atividades

possibilidade de ser adotados.

Para concluir a obra da casa, o Liap está precisando de materiais de construção, além de móveis e eletrodomésticos. O Lar também aceita doação de mantimentos e itens de higiene pessoal.



Sede da LIAP

Para ajudar, entre em contato com:

Lar Integrado Amor Puro (Liap)

Rua Porto Vitória, 10 – Parque Curicica - Tel.: (21) 2426-0539

www.amorpuro.org.br

Doações:

Banco Bradesco

CNPJ: 06.115.747/0001-71 (chave PIX)

Agência: 582-7 - C/c: 89841-4

Pedala Já no Carnaval

Reivindicamos ciclovias em Jacarepaguá!

O Carnaval está chegando e a Associação de Moradores e Amigos da Freguesia (AMAF) realizará as “Pedaladas da CicloFolia” que acontece dia 15 de fevereiro. Unindo a energia do pedal com a criatividade do Carnaval, com dois roteiros exclusivos – cada um com horários e trajetos distintos.



Fiquem ligados

🚲 Pedal CicloFolia – Treino

- **Encontro:** Posto Shell, em frente ao Mundial da Curicica, às 5h40
- **Trajeta (primeira etapa):** Av. Salvador Allende → Av. das Américas → Rua Canal Rio Morto → Estrada do Pontal
- **Parada:** Padaria La Vie, das 6h20 às 7h
- **Trajeta (segunda etapa):** Estrada do Pontal → Rua Canal Rio Morto → Av. Lúcio Costa → Av. Salvador Allende → Est. dos Bandeirantes → Rua André Rocha → Est. do Tindiba → Av. Geremário Dantas
- **Chegada:** Início da Rua Tirol (ao lado do Habib's, Freguesia) às 8h.

🚲 Pedal CicloFolia – Passeio

- **Encontro:** Início da Rua Tirol (ao lado do Habib's) às 8h
- **Trajeta:** Rua Tirol → Cte. Rubens Silva → Est. dos Três Rios
- **Chegada:** Rua Xingú, 70, Freguesia, às 9h

E para coroar a folia, o Grito de Carnaval do Bloco @batucarpraserfeliz será às 9h na Rua Xingú!

Venha pedalar, fantasiar e celebrar esse Carnaval com muita energia e consciência.

Mais informações sobre os circuitos: @pedalajpa e @amaf_freguesia.

Lions Clube Rio de Janeiro – Taquara

45 anos de Serviço Voluntário

Juntos, construímos um legado de solidariedade!

Lions Clube Rio de Janeiro – Taquara faz almoço especial em comemoração aos 45 anos de dedicação ao serviço voluntário. É a celebração das conquistas, de fortalecimento dos laços e renovação do compromisso com a comunidade!

Almoço Comemorativo

Por Adesão - O que consumir

Local: Estrada do Tindiba, nº 2089, loja EFGH (Próximo ao Banco do Brasil)

Data: 15 de fevereiro de 2025

Horário: 12 horas

Juntos, servimos com propósito e paixão!